

NOSSOS CLÁSSICOS

CAMILLE VALLAUX: UMA FIGURA DA GEOGRAFIA CLÁSSICA FRANCESA

WILLIAN MORAIS ANTUNES DE SOUSA¹

Estas páginas buscam apresentar a vida e a obra de um geógrafo francês do início do século XX, Camille Vallaux. Apesar de seu nome já ter sido citado em muitos livros e circulado por muitos países, seu pensamento crítico ainda está para ser descoberto. Procura-se nesta introdução dar algumas pistas sobre a historiografia desse autor e, ao mesmo tempo, explicitar as origens de seu artigo *As aspirações regionalistas e a Geografia* (1928), aqui publicado pela *Revista GEOgraphia*.

Camille Maximilien Joseph Vallaux, nascido em Vendôme no dia 3 de outubro de 1870, era filho de comerciantes, Joseph Félix Vallaux e Madeleine Jeanne Domette. No dia 5 de agosto de 1890², obteve o diploma da *École Normale Supérieure* (ENS) e, logo, foi nomeado professor para o Liceu Potivy, em 1894, e Liceu de Brest, ministrando sua especialidade, Revolução Francesa.

Vallaux viveu sua juventude na França da III República, durante a qual presenciou estudantes de origem camponesa e proletária adentrarem a ENS, herdeira dos tempos napoleônicos, bem como viveu a formação de novos grupos de intelectuais que se mostravam críticos das instituições de ensino superior criadas ainda nesse período. Cabe aí a afirmação de Yannick Lageat, quando diz

¹ Doutorando na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS.

² Arquivos Nacionais (AN), sítio Fontainebleu, Cota: 19800035/1413/63322.

ser Vallaux “(...) um puro produto da meritocracia republicana”³. Na ENS, pôde conhecer Jean Brunhes, Albert Demangeon e Emmanuel De Martonne, que seguiam as conferências de Paul Vidal de la Blache. Naqueles tempos de constituição dessa nova geração, houve mesmo quem os chamasse de “intelectuais proletários”, termo que procurava dar ênfase às origens desses novos personagens⁴.

Em 1896, Vallaux começou a escrever para o jornal regional *La Dépêche de Brest*, tornando-se correspondente, logo cedo, em 1901, e aí continuou a publicar até o último ano de sua vida, em 1945. Essas seis décadas de intensa atuação renderam mais de 364 artigos, sem contar as cartas e conferências publicadas no mesmo jornal diário. Compreende-se então a presença dessa figura no debate político e cultural de sua região, a Bretanha.

Seu primeiro livro *Les campagnes armées françaises (1792-1815)*, publicado pela Editora Félix Alcan, em 1899, resume um pouco de seus primeiros anos de docência escolar. Nele, Vallaux procurava analisar as estratégias militares das forças armadas francesas, sob o comando de Napoleão, e suas consequências para a formação das fronteiras do Estado francês. É de se supor que esse mesmo material tenha sido fundamental para conseguir seu primeiro cargo de ensino superior na *École Navale*, em 1901, dando assim outro estatuto para sua jovem carreira. Ainda em 1901, por ocasião de uma reunião entre Vidal de la Blache e Émile Bourgeois, professores de Geografia e História, respectivamente, e o então Ministro da Marinha, Jean-Louis Lanessan, foi criada uma cadeira de Geografia Geral Aplicada ao Estudo dos Mares⁵. Vallaux assumiu essa cadeira e ensinou nessa instituição durante treze anos, deixando, mais tarde, seu cargo para ir morar em Paris. Alguns desses cursos foram encadernados e podem ser consultados no Serviço Histórico da Defesa no Castelo de Vincennes, em Paris.

Vallaux entrou assim no que chamamos de *Circuito Oficial da Geografia*, isto é, o conjunto de laboratórios que foram criados sob os cuidados de Vidal de la Blache e orquestrado por este até 1918, ano de sua morte. Esse período formou uma legítima Escola, ou seja, Vidal de la Blache tinha um programa de pesquisa bem definido, com laboratórios cartográficos, ensino superior e formação de pessoal e, com isso, seus alunos conseguiam postos de trabalho nas universidades provinciais⁶. É uma pena que a história da Geografia tenha escolhido interpretar esse fenômeno do mundo científico através do nacionalismo, deixando assim passar uma realidade que faz parte da obra de alguns grandes geógrafos. O intuito

³ LAGEAT, Yannick. Propos sur deux géographes amis d’Auguste Dupouy: Élicio Colin e Camille Vallaux. Org.: Dufief, Pierre-Jean & Dupouy, Jean Pierre. *Auguste Dupouy (1872-1967)*. Brest: Centre d’Études des correspondances, Facultés de Lettres de Brest, 2008.

⁴ CHARLES, Christophe. *Naissance des “intellectuels” 1880-1900*. Paris: Les éditions de Minuit, 1990.

⁵ *La Dépêche de Brest*, 26 de novembro de 1901.

⁶ Antunes de Sousa, Willian. *Une histoire politique de la géographie. Le régionalisme chez Camille Vallaux: une lecture de son oeuvre de 1901 à 1921*. (dissertação de mestrado). Catania: Università di Catania e Paris: EHESS, 2015. p. 30.

de Vidal de la Blache, naqueles anos, era o de formar pessoal, como os primeiros doutores em Geografia da história da França. O que seus alunos fizeram depois com a imagem da Escola Francesa de Geografia (EFG), só “as águas de março” para saber.

Em 15 de janeiro de 1907 teve lugar a banca de defesa de tese de Vallaux sob a direção de Vidal de la Blache, intitulada *La Basse-Bretagne: étude de géographie humaine*, sendo examinada por um júri de cinco professores, dentre os quais Lucien Gallois, Emile Bourgeois e Marcel Dubois⁷. Com menção *très honorable*, ele ganhou o título de *Docteur ès Lettres*. Ao consultar o relatório de defesa da referida tese e malgrado as medalhas de ouro e prêmio que sua tese recebera, ainda paira sobre seus documentos certo desconforto, pois tudo leva a crer que Vallaux já procurava defender certo projeto de divisão regional.

O ano de 1907 foi, curiosamente, um divisor de águas na vida desse geógrafo. Vallaux começou a se distanciar da Sorbonne, estudando temas, por vezes, problemáticos, como a geografia política e, anos mais tarde, passou a posicionar-se, criticamente, face ao distanciamento de alguns geógrafos de sua geração em relação aos valores da III República⁸.

Desse episódio de defesa da tese saiu a primeira interpretação segundo a qual Vallaux teria se afastado propositalmente da EFG, ou “se marginalizado” - para utilizar a palavra de François Carré⁹ (1978), professor de Geografia dos Mares, da Universidade de Paris IV. Em maio de 2015, em um encontro com o Prof. Carré, no Instituto de Geografia de Paris, ele confirmou sua opinião, especialmente, quando confrontado com o problema historiográfico que ele tinha criado com aquela palavra, “marginalizado”. Nesse momento, retirou cartas pessoais de sua pasta e mostrou os documentos nos quais defendia Vallaux. Com aquele artigo de 1978, escrito sob encomenda do geógrafo Philippe Pinchemel para o volume *Geographers: Biobibliographical Studies*, o Prof. Carré desejava mesmo era chamar a atenção para os problemas políticos internos da geografia francesa.

O fato é que os poucos artigos que saíram sobre Vallaux carregaram o mesmo pressuposto, sem antes procurar vasculhar seu dossiê¹⁰ completo sobre a divisão

⁷ AN Cota: AJ/16/4761.

⁸ Ver Charles (1999).

⁹ CARRÉ, François. Camille Vallaux, *Geographers. Biobibliographical Studies*, vol 2, 1978. p. 119-126.

¹⁰ NICOLAS, Georges. Camille Vallaux (1870-1945). Em: *Deux siècles de géographie française. Une anthologie*. Orgs.: Robic, M. C. et al. CTHS, Paris: 2011; ALESSANDRO, Cristina. Camille Vallaux. Em: *Dictionnaire de la Géographie et des espaces en société*. Orgs.: LÉVY, J.; LUSSAULT, M. Paris: Belin, 2003; GAILLABAUD, Lucien. Jean Brunhes et Camille Vallaux (1917-1925). De l'oeuvre commune à la singularité philosophique. Em: *La géographie française à l'époque las sique* (1918-1925). Org.: Paul Claval e André-Louis Sanguin. Paris: L'Harmattan, 1996.

regional. E assim chega-se aos dias atuais, quando sua obra atrai, novamente, o interesse de pesquisadores¹¹.

Ainda em 1907, Vallaux foi convidado por Gastor Richard, então professor de Sociologia na Universidade de Bordéus e ferrenho crítico de Émile Durkheim, para escrever dois livros sobre geografia política: *Géographie sociale: La Mer* (1908), e *Géographie sociale: le Sol et l'État* (1911). Ambos vieram a compor a biblioteca de Sociologia da Enciclopédia organizada por Edouard Toulouse, professor da Escola de Altos Estudos Sociais. Essa Enciclopédia tinha como objetivo, mostrar os avanços nas disciplinas das ciências humanas e naturais. O título escolhido para os livros, Geografia Social, foi, provavelmente, uma estratégia para acolher a Geografia numa biblioteca de Sociologia.

Em 1917, Vallaux e Brunhes iniciaram a redação de um livro que também viria a suscitar debate: *La Géographie de l'Histoire*(1921)¹². Consultando algumas das correspondências entre esses dois amigos, observou-se que trocavam confidências e discutiam as interpretações da obra de Vidal de la Blache. Tal material ainda está por ser analisado em pesquisa que estamos desenvolvendo.

Entre 1913 e 1918, Vallaux lecionou no Liceu Buffon e entre 1918 e 1931 no Liceu Janson de Sailly, em Paris. Em 1921, Vallaux entrou para os quadros da Escola de Altos Estudos Comerciais, onde lecionou Geografia Econômica. Tornou-se, ainda, membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lima (1933) e da *American Geographical Society* (1935), sendo vice-presidente do Instituto internacional de Sociologia (1933) e vice-presidente da Seção de Oceanografia Física, do Comitê Francês de Geodésia e Geografia (1936). Foi, também, Professor honorário do Liceu Janson de Sailly e examinador honorário de admissão na Escola Naval (1932), entre várias outras honrarias.

Em 1922, Vallaux foi recrutado pela revista literária *Le Mercure de France*, onde passou a ser correspondente de Geografia, escrevendo resenhas críticas e artigos sobre temas políticos e literários. Foi colaborador dos *Annales de Géographie*, onde publicou artigos sobre geografia física e oceanografia desde os anos de doutoramento até 1942. Publicou também em outras revistas, tais como: *Revedu Mois*, *Revue de métaphysique et de morale*, *Bulletin de la Société Commerciale de Paris*, *Bulletin de la Société de Géographie de Lille*,

¹¹ HAESBAERT, Rogério. *Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea*. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014; Levatois, Marc. Camille Vallaux, la marine nationale et lês débuts de la géographie maritime. Em: *Approches de la géopolitique de l'antiquité au XXIè siècle*. Org.: Hervé Contou-Bégarie e Martin Motte. Collection Bibliothèque stratégique. Paris: Ed Economica, 2013.

¹² BRUNHES, Jean & VALLAUX, Camille. *La Géographie de l'Histoire*. Géographie de la paix et de la guerre sur terre et sur mer. Paris, Librairie Félix Alcan, 1921. _____. *Geografía de la historia*. Geografía de la paz y de la guerra em la tierra y en el mar. Traducción española de Angel do Rego y Vicente Valls Anglés. Madrid, Daniel Jorro, 1928.

Geographical review, *Vie Urbaine* etc., além de manter relações com muitos profissionais de Sociologia, Oceanografia, escritores, urbanistas etc.

Vallaux trabalhava em equipe e não gostava de disputas imperialistas dentro das ciências. Talvez por isso, tenha escolhido o título do livro *Les sciences géographiques* (1925), onde tenta afirmar que a Geografia é composta por “ciências geográficas”. Procurou inverter a lógica de que a Geografia seria uma “ciência *carrefour*”, mostrando que os métodos dessa ciência influenciavam outros ramos do saber, identificando assim o que chamou de “geografias auxiliares”. Essa reflexão não estava isolada, pois foi na verdade uma reação contra o artigo de De Martonne, *A ciência geográfica*, e de uma discussão surgida nos fins do século XIX e tratada por Ratzel em sua *Geografia do Homem*.

Estudando a obra de Vallaux, observa-se que os geógrafos o escolheram para receber todas as críticas, ou para conferir a ele todo o poder crítico de uma época. Dois pontos de vista antagônicos, porém que se complementam como o veio e a rocha. Na verdade, é em sua obra que se encontra o pensamento crítico da Geografia clássica. Assim, nota-se que a história da Geografia francesa é escrita por doutorandos e pesquisadores da Sorbonne e, por isso, aqueles que dela não fazem parte, como Camille Vallaux, Albert Métin e Louis Gallouédec, são vistos como marginais. Lá onde os historiadores utilizam a palavra “marginal” é na verdade uma *palavra tampão* para proteger personagens clássicos. Estar “distante” ou “ser marginal” foi uma forma que certos historiadores da Geografia encontraram para proteger um circuito de geógrafos e esse estilo historiográfico está se reproduzindo na Geografia brasileira, através da expressão tão famosa “*cercle vidalien*”. É o que chamamos de *palavra tampão*¹³. As palavras tampão são sempre utilizadas para isolar, até mesmo esterilizar a obra de um determinado autor, enquanto continuam preservando a imagem e o regime histórico de geógrafos canônicos.

No que concerne ao artigo aqui traduzido, *Les aspirations régionalistes et la Géographie*, publicado na revista literária *Le Mercure de France*, em 1928, poderíamos dizer que foi o último texto de uma série de artigos e livros nos quais Vallaux se debruçou sobre a questão regional. Portanto, é um texto onde o autor procura fazer uma síntese de um debate e, nele, canaliza-se a atenção a uma expressão nova que Vallaux forjou nesse artigo: “regionalismo espiritual”.

Nas duas primeiras décadas do século XX, a França passou por um profundo processo de transformação política e cultural, o que deu origem ao termo *Belle Époque*. No que tange à Geografia, a efervescência cultural daqueles anos produziu treze notáveis projetos de divisão regional, dentre os quais a proposta de

¹³ ANTUNES DE SOUSA, W., *op cit.*(nota 5). p. 111.

“agrupamentos regionais” de Vidal de la Blache¹⁴. Este geógrafo defendia um projeto de criação de 17 regiões. Contudo, ele aceitava a permanência da estrutura político-administrativa dos departamentos. Nesse plano, a região seria fruto da união dos departamentos em torno de um centro regional que seria sua capital. Por exemplo, Bordéus e Lille passariam a ser as cidades-sede que promoveriam o processo de desenvolvimento econômico regional. A cidade ganharia assim, um papel chave.

Em 1912, ao longo de um congresso organizado pela Escola de Altos Estudos Sociais, foram convidados diversos especialistas e políticos e dentre eles estavam Vidal de la Blache e Vallaux. O primeiro sustentava ainda sua posição de 1910, enquanto Vallaux apresentou sua proposição de divisão regional que suprimiria os departamentos e, no lugar, criaria regiões baseadas na *divisão regional da produção e do trabalho*. Para Vallaux, as regiões se formariam a partir das zonas pesqueiras, agrícolas, industriais etc. Em 1913, Vallaux estava convicto de que os 17 “agrupamentos regionais” não dariam conta de alavancar um processo de desenvolvimento econômico para todo o território, pois os investimentos seriam canalizados para as respectivas cidades capitais.

Enquanto Vidal de la Blache tinha em mente um projeto urbano baseado nas cidades capitais, Vallaux acreditava que tal política não levava em conta o interior desses territórios, como aconteceria com o Maciço Central e a Bretanha. A conferência proferida por Vallaux no mencionado congresso de 1912 foi transformada em artigo e, logo em seguida, em folheto pelo jornal *La Dépêche de Brest*¹⁵. Mas esses eram apenas dois personagens de toda uma época efervescente.

Em 1921, Brunhes e Vallaux se posicionaram contra o modelo adotado pelo então ministro Étienne Clémentel, em 1917, que dividiu o território francês em 16 grandes “regiões econômicas” ou “16 tentáculos urbanos”, para utilizar uma expressão de Brunhes e Vallaux. Esse projeto foi bastante influenciado pela proposta de Vidal de la Blache. Mas, para aqueles dois geógrafos, o plano estabelecido não correspondia às áreas demarcadas e tais eram suas críticas: “O que há de comum entre o vale de Marne e a região industrial de Lille?”; “Nice protestava energicamente contra qualquer anexação a Marselha”; “Por que as funções de um porto se limitam apenas a uma cidade: Marselha se limita a Avignon? Nantes se limita a Tours?”:

Há aqui uma confusão de palavras: a função regional dos grandes portos se estende enormemente; ela pode e deve

¹⁴ VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Les régions françaises. *Revue de Paris*, 15 de dezembro de 1910. (traduzido para o português em HAESBAERT, R.; PEREIRA, S.; RIBEIRO, G. (orgs.) *Vidal, Vidais: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012).

¹⁵ Vallaux, C. La division régionale appliquée à la Bretagne. *Dépêche de Brest*, 9, 27 fevereiro e 23 março 1912.

compreender Estados inteiros; não pode coincidir com um recorte calcado sobre interesses particulares. *A função regional* de Hamburgo compreende todo o triângulo Hamburgo-Basileia-Cracóvia: é possível conceber esse vasto território como uma única *região econômica*¹⁶.

Mas o tempo caminhou e fez das regiões econômicas mais um dos problemas franceses. Nesse meio tempo, Vallaux preparava seu livro *Les sciences géographiques*, distanciando-se do debate, embora o vivesse no dia a dia.

E assim pode-se chegar ao artigo *As aspirações regionalistas e a Geografia* de 1928, hoje publicado pela *Revista GEOgraphia*. Primeiro chama-se a atenção para publicação em si. O diretor da revista *Le Mercure de France*, bem como o editorial, não via a Geografia como uma disciplina universitária, mas antes como um saber público que deve ser *de todos*. Por isso, era comum ver um trabalho geográfico ao lado dos poemas de Apollinaire, ou de ensaios literários como *A linguagem e o estilo dos iletrados* de André Mouflet. Um *saber público*, isso era a Geografia no *Mercure de France*.

Nesse artigo, Vallaux reviu, sem dúvida, suas antigas proposições. Ele reavaliou, por exemplo, o *valor* dos departamentos na constituição do território nacional francês, o que o levou a defender a manutenção dessa divisão administrativa. Ele também analisou o papel das feiras locais, mercados e comércios, reabilitando a noção de *pays*, fenômeno este que na Inglaterra ganhou o nome de *market town*.

Durante os anos 1920, as conquistas e avanços no plano da descentralização política e administrativa deram cabimento a certos processos regionalistas que buscavam maior autonomia, beirando a fragmentação do Estado francês. Esse risco pôde ser visto com os discursos independentistas que afloravam na Bretanha e na Alsácia, sobretudo alimentados por correntes religiosas. Esses movimentos independentistas buscavam seus fundamentos na língua, na literatura e na arte. É nesse contexto que Vallaux forjou a expressão “regionalismo espiritual” que, em outras palavras, seria uma fratura provocada no seio do Estado francês por uma parte da população que buscava ainda mais “autonomia política e administrativa”, o que colocaria graves problemas para a unidade constitucional francesa. Esses regionalismos também foram duramente criticados por Brunhes em seus cursos no *Collège de France*.

Em volta de um artigo sempre gravitam muitos textos e interpretações e, sabe-se muito bem, é difícil resgatar uma obra como a de Camille Vallaux em poucas linhas. Como foi possível ver com as pistas que foram dadas, seu pensamento crítico requer tanto bagagem política quanto cultural, o que reafirma a hipótese de que esse autor pode contribuir para uma outra historiografia da geografia.

¹⁶ Brunhes e Vallaux (1921), op. cit. p. 357.